

- Seção V -

**OUTROS CONTEXTOS
INSTITUCIONAIS**

UMA ANÁLISE DO FENÔMENO DA INTERRUPÇÃO NO DISCURSO ORAL

Mercedes F. de Canha CRESCITELLI (PUC-SP)
Clemira CANOLLA (UNICASTELO-SP)

ABSTRACT: In this paper we try to investigate the phenomenon of interruption in oral language and to describe its functions. Here we comment some examples from a business meeting in a public enterprise. Sometimes we find no function for the interruption and in these cases we notice that the phenomenon may be signalling difficulties in oral speech.

0. Referencial teórico

Ao iniciarmos nossas pesquisas com foco no fenômeno da interrupção tivemos como apoio teórico Coste (1986) cuja proposta está fortemente atrelada à estrutura sintática da frase. O autor chega mesmo a tecer comentários a respeito de aspectos gramaticais ligados às interrupções, principalmente no que diz respeito à frequência de ocorrência do fenômeno e sua relação com a categoria gramatical (classe morfológica) das palavras em que ocorre a ruptura.

Com base nessa primeira proposta, foi desenvolvida a seguinte classificação:

1º Quadro

1. Interrupção totalmente inacabada
 - 1.1. com inciso
 - 1.2. sem inciso
 2. Interrupção com retomada
 - 2.1. com inciso
 - 2.2. sem inciso
- TIPO: A - com modificação
B - com repetição
C - simples¹

Essa classificação foi aplicada na análise de dois inquéritos do Projeto NURC: o DID.161 (entrevista) e o D2.333 (diálogo entre dois informantes).

Após essa tentativa de aplicação e também após a discussão com as professoras Koch & Souza e Silva², concluímos que o critério da completude sintática talvez não fosse o mais adequado para lidarmos com o texto oral. Observe-se também que o quadro dava atenção apenas às auto-interrupções, deixando de lado as hétero-interrupções que são tão freqüentes e importantes quanto as auto-interrupções em certas manifestações da linguagem oral.

Para uma reavaliação do quadro classificatório, utilizamos o texto de Viollet (1986) e chegamos à seguinte proposta:

2º Quadro

1. Interrupções ligadas às características do oral
 - 1.1. dificuldades de elocução
 - 1.2. sintaxe
 - 1.2.a. incisos meta-discursivos
 - 1.2.b. acréscimos
 - 1.2.c. mudança de estrutura
 - 1.2.d. abandono (causado pelas dificuldades)
 - 1.3. funções argumentativas
 - 1.3.a. interrupção devida a inadequações na organização argumentativa
 - 1.3.b. interrupção para reforçar ou precisar os argumentos
 - 1.3.c. interrupção num enunciado que deve ser concluído pelo interlocutor³
2. Interrupções ligadas à dimensão da interlocução
 - 2.1. sobreposições
 - 2.2. retomada pelo interlocutor
 - 2.3. fenômenos de controle

Aplicamos essa proposta de classificação (2º Quadro) aos mesmos dois inquéritos que já haviam sido analisados com base no primeiro quadro. Algumas dificuldades surgiram, especialmente no que se refere à mistura de critérios utilizados por Viollet (1986).

Outro problema constatado foi a ocorrência de fenômenos entrelaçados e, portanto, a necessidade de uma definição mais restrita do fenômeno da interrupção a fim de que ele não se confundisse com eventos de repetição, correção ou inserção, por exemplo.

Numa discussão a esse respeito, as professoras Koch & Souza e Silva propuseram um novo quadro, partindo de Gülich (1986), que tentamos aplicar na análise dos corpora já estudados.

É a seguinte a proposta de classificação:

3º Quadro

1. auto-interrupção
 - 1.1. auto-completada
 - 1.2. hétero-completada
 - 1.3. totalmente inacabada⁴
 2. hétero-interrupção
 - 2.1. auto-completada
 - 2.2. hétero-completada
 - 2.3. totalmente inacabada⁵
- FUNÇÕES: A. Argumentativa
 B. Cooperativa
 C. Controle

Quanto aos itens 1 e 2, a própria denominação explica a ocorrência. Quanto às funções, classifica-se como Argumentativa a interrupção que possibilitaria uma reformulação da argumentação para garantir a defesa do ponto de vista do locutor; Cooperativa seria a interrupção que atenderia a uma necessidade interacional, com um dos locutores manifestando sua intenção de auxiliar o outro no desenvolvimento de seu enunciado; Controle seria a interrupção ligada a palavras "tabu", que sofreriam restrições decorrentes de fatores sociais.

A primeira aplicação desse quadro foi feita nos mesmos inquéritos que já vínhamos estudando. Ficou claro que muitas ocorrências, consideradas como interrupções nas análises anteriores, não foram mais indicadas. Isso ocorreu porque, em estudos precedentes, sempre que havia incisos, necessariamente considerávamos ter havido interrupção e, a partir desse último quadro, isso não mais ocorreu.

No presente trabalho, estaremos aplicando esse mesmo quadro, porém com algumas alterações, pois, por estarmos analisando um evento cujas condições de produção do discurso são diferentes das que tínhamos nos corpora analisados anteriormente, constatamos outras funções da interrupção que não se haviam manifestado nas análises precedentes. Chegamos, portanto, ao seguinte quadro:

4º Quadro

1. auto-interrupção
 - 1.1. auto-completada
 - 1.2. hétero-completada
 - 1.3. totalmente inacabada
 2. hétero-interrupção
 - 2.1. auto-completada
 - 2.2. hétero-completada
 - 2.3. totalmente inacabada
- FUNÇÕES:
- Arg. - de argumentação
 - Coo. - de cooperação
 - Con. - de controle
 - Esc. - de esclarecimento
 - Mtp. - de mudança de tópico
 - Dis. - de discordância.

O corpus que utilizamos para análise neste trabalho é o registro de uma reunião em empresa pública com a participação de seis elementos: I., JM., R., Ro., H. e V. O tema da reunião é a preparação de um evento a respeito de meio-ambiente e trabalho. Discute-se que tipo de evento será organizado e quais serão os assuntos tratados com maior destaque no decorrer da programação.

Antes de iniciarmos a análise dos dados, cabe destacar que, algumas vezes, a interrupção não tem uma função, ao contrário, tem uma causa e, nesses casos, ela é um sintoma de dificuldades, ou seja, o falante interrompe seu discurso porque não consegue organizá-lo.

De um total de quarenta e duas ocorrências encontradas, selecionamos oito para exemplificar e comentar. Dessas oito, seis (01 a 06) foram escolhidas em virtude de terem funções diferentes (um exemplo para cada função) e serão focalizadas na análise dos dados; as outras duas (07 e 08), por merecerem algumas observações específicas, serão tratadas nas considerações finais.

1. Análise dos exemplos selecionados

Ex. (1)⁶

- I. (...) ah com os com os diversos tipos de produção e como é que tá a consciência dele em relação a: a:// como é que isso afeta diretamente a ele... (...)

O locutor se auto-interrompe para argumentar melhor, classificamos, então, como 1.1. Arg.

Ex. (2)

- I. é mais fechado... então pra mim talvez não seria um encontro ... seria um ... um //
JM. então é um seminário
I. SEMINÁRIO mesmo...

JM. interrompe I. para completar seu turno. Trata-se de um caso de cooperação em que, inclusive, I. vai repetir depois a palavra que JM. usou para completar seu enunciado. A classificação dessa ocorrência é 2.2. Coe.

Ex. (3)

- I. então nós estamos aqui trabalhando V. ... vamos ver o que a gente consegue ()
V. é preciso entregar até sexta ... a proposta para chamar o processo de licitação () da companhia.

V. interrompe I. e, de maneira modalizada, dá uma ordem a respeito do prazo que o trabalho tem para ser concluído. O enunciado de I. fica interrompido e inacabado. Embora não seja o caso de uma palavra "tabu", acreditamos que essa hétero-interrupção manifeste uma tentativa de controle, já que V. é superior hierárquica de I. na empresa. Por isso, classificamos esse exemplo como 2.3. Con.

Ex. (4)

- I. (...) ...essa proposta foi encaminhada pra Re. e o F. chegou a fazer um parecer aqui também... então vamos usar o F. //
(H). qual é o parecer do F?

Nesse caso, a hétero-interrupção acontece para que um dos participantes do evento peça e obtenha um esclarecimento. O exemplo classifica-se como 2.1. Esc.

Ex. (5)

- I. o F. ... e... colocou assim que ele acha que deveria incluir nos objetivos a idéia de desenvolver ah::: instrumentos de defesa do ambiente... que é aquilo que a gente já tinha conversado com o Ro... e traria então algumas sugestões aí () e que nos objetivos incluem também formação de agentes multiplicadores no mundo do trabalho né... ()
JM. não é bem ISSO I. ...
I. ah...
JM. o problema desta área não é agente multiplicador...

Nesse exemplo, há hétero-interrupção com a função de discordar, portanto, classificada como 2.3. Dis., pois JM. interrompe o enunciado de I. para discordar dela. Embora tenhamos chegado a essa classificação, percebemos que, em última instância, é, na verdade, uma interrupção com

função de argumentar. Voltaremos, adiante, a essa questão das funções elencadas, especialmente no que diz respeito à função argumentativa.

Ex. (6)

- R. o Seminário... pode funcionar como um...: provocador PRA ISSO...
I. sim
R. pra que aí as próprias entidades os próprios sindicatos
JM. é que eu tô olha...
I. (que a gente colocou aqui)
JM. é que eu tô sem dinheiro pra comprar livros na área que não seja exatamente a área que eu costumo acompanhar...

Em (6) temos uma ocorrência importante de ser discutida, já que há, por parte de JM., I. e R., sobreposição de vozes. Fazendo-se uma comparação com os inquéritos do NURC, já analisados, conforme consta no referencial teórico deste trabalho, percebemos que sobreposições de três falas não são comuns nesse material (em que há, no máximo, documentador, L₁ e L₂), ao contrário das várias ocorrências que pudemos detectar nesta reunião empresarial em que há seis participantes.

Também é preciso dizer que cada uma das interrupções de (6) tem uma função. Assim, JM. faz uma hétero-interrupção classificada como 2.3. Mtp., porque tem a função de mudar de tópico e o enunciado de R. fica abandonado, enquanto I. faz uma hétero-interrupção com a função de cooperar, portanto, classificada como 2.3. Coop.

2. Considerações finais

Pudemos, ao longo das análises realizadas, chegar a algumas conclusões. Uma delas é que acreditamos não ser possível considerar apenas a estrutura sintática como critério para determinar a interrupção ou o abandono, conforme faz Coste (1986). Isso porque há casos em que o enunciado, do ponto de vista da completude sintática, é interrompido, mas em que há, por parte dos participantes da situação de enunciação, o preenchimento do que ficou "em suspenso". Explicando melhor com a ocorrência (7):

Ex.(7)

- JM. (...) eu avisar que eu tô aqui nessa sala se não ele vai me chamar lá em cima...
I. tá bom Z.
JM. já volto
I. eu... eu... não gosto muito de falar com esse negócio do meu lado... eu fico meio inibida ... mas:: (risos)
JM. NÃO... isso é coisa simples... isso aí é só pra professora poder saber ... ahn... qual é o padrão de interação (verbal) () em empresa pública e empresa particular...

Para I., seu turno está completo: ela propositadamente pára em “mas” e ri, sabendo que os outros entenderão o que quer dizer e, para os interlocutores, é como se I. tivesse efetivamente terminado sua fala, já que eles apreendem o que I. quis dizer e a reunião prossegue (sem que ninguém questione I. quanto ao que ela queria dizer e não disse explicitamente).

Embora nessa reunião esse tenha sido o único caso encontrado, tendo por base análises outras, afirmamos que existem sinalizadores/marcadores de completude (por exemplo “tudo”- DID. 161, linha 58 e “e tal”, mesmo DID, linha 4) que marcam aquilo que poderia ser chamado, num primeiro momento, de interrupção - por falta de completude sintática, repetimos -, mas que não o é efetivamente, uma vez que possui sinais de que a fala está completa e de que os participantes da interação preenchem as “aparentes” lacunas, dando ambos, locutor e interlocutor, o enunciado por completo. Em (07) consideramos o riso de I. um sinalizador de completude.

Ex.(8)

I. que aí é uma questão das políticas de de
JM. é
I. saúde que é o que
JM. (a emp)
I. o Ro. está levantando

Um questionamento que tem nos ocorrido com freqüência durante as análises é o que diz respeito à sobreposição de vozes: sempre que ela acontece devemos dizer que há interrupção? Depois de lidar com muitas ocorrências desse tipo, pudemos perceber que nem toda sobreposição provoca ou constitui interrupção, o que pode ser facilmente verificado em (08). Embora JM. tente interrompê-la mais de uma vez, I. complementa seu enunciado, mesmo tendo-o feito em um terceiro turno apenas. Ainda que a forma de transcrição do diálogo dê margem a se pensar que há várias interrupções por parte de I., ouvindo-se a fita, fica-nos muito claro que I. não se interrompe em momento algum desses três turnos, não faz pausas, nem hesita: seu enunciado flui, praticamente como se não houvesse ninguém tentando tomar a palavra (o que é fácil perceber também pela brevidade das tentativas de JM.). Selecionamos apenas um exemplo, mas ocorrem vários de mesma natureza na reunião.

Em (05), comentamos sobre a função de discordar que a interrupção pode ter. O quadro utilizado para a análise, sugerido por Koch & Souza e Silva com base em Gülich (1986), elencava apenas três funções: argumentação, cooperação e controle, às quais acrescentamos mais três, num primeiro momento, em função da análise feita com esta reunião empresarial:

esclarecimento (pedir ou fazer), mudança de tópico e discordância. Entretanto, pudemos observar que, das 43 interrupções analisadas, 18 são argumentativas, 05 são de cooperação, 02 de controle, 04 de esclarecimento, 03 de mudança de tópico e 06 de discordância (das 05 ocorrências restantes, não conseguimos detectar a função), o que nos leva a observar, somando as argumentativas com as de discordância, tendo por base o que afirmamos no comentário de (05), que mais da metade das interrupções é argumentativa (total: 24). Acreditamos que essa função, na verdade, constitui uma categoria maior que inclui todas as outras funções mostradas. Este trabalho aponta nessa direção: análises futuras poderão confirmar isso.

NOTAS

- 1 Este tipo de interrupção foi sugerido por nós.
- 2 As autoras deste trabalho colaboram, enquanto pesquisadoras auxiliares, com as Profas. Dras. Ingedore G. V. Koch & Maria Cecília P. Souza e Silva no Grupo Nacional da Gramática do Português Falado, onde o fenômeno da interrupção também vem sendo discutido.
- 3 Há casos em que o interlocutor não verbaliza o complemento do enunciado, mas se pode perceber que houve a complementação necessária.
- 4 Essa classificação foi sugerida por nós devido à necessidade que constatamos na prática.
- 5 Idem à nota 4.
- 6 Os trechos transcritos seguem as normas estabelecidas para o Projeto NURC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTE, D (1986) *Auto-interruptions et reprises*. **D.R.L.A.V.**, **34-35**: 127-129.
- GÜLICH, E. (1986) *L'organisation conversationnelle des énoncés inachevés et de leur achèvement interactif en situation de contact*. **D.R.L.A.V.**, **34-35**: 161-182.
- PRETI, D. & H. URBANO (Orgs.) (1990) **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, IV**. SP: T.A. Queiroz, Ed/FAPESP.
- VIOLLET, C. (1986) *Interaction verbale et pratiques d'interruption*. **D.R.L.A.V.**, **34-35**: 183-193.